

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
DISCIPLINA DE PROJETOS EXPERIMENTAIS

PROJETO DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
"MANUAL DE PRODUÇÃO E LINGUAGEM PARA A
RÁDIO UNIVERSITÁRIA"

ALUNA: CLAUDIA ERTHAL

ORIENTAÇÃO: EDUARDO MEDITSCH

Florianópolis, 11 de dezembro de 1985.

Introdução

1. O veículo do som
2. Orientação editorial
3. Produção
 - 3.1. Planejamento e coordenação
 - 3.2. Reportagem
 - 3.3. Entrevista
 - 3.4. Comentário
 - 3.5. Linguagem
 - 3.6. Especiais
 - 3.7. Locução
 - 3.8. Arquivo

Bibliografia

INTRODUÇÃO:

Este manual é um guia de como "se virar" dentro de uma rádio, e traz propostas para a rádio universitária da UFSC. Ele foi feito por causa dela, e a rádio pretende ser uma alternativa completamente nova em Florianópolis e Santa Catarina. Para que isso aconteça é necessário que as regras sejam conhecidas e acima de tudo desobedecidas.

Nada nesse manual é estabelecido, ao contrário, ele está aberto para as mais diversas modificações que sem dúvida ocorrerão com a prática na emissora de rádio.

Apesar de muita gente lutar para que as coisas não sejam assim, a criação só acontece quando existe liberdade, ~~então~~ Vamos usar a criatividade neste laboratório profissional que será a rádio universitária, e saber também que ~~criar~~ pessoas fazendo uma rádio totalmente nova e fora de qualquer esquema que se tenha tentado regular e absorver como regra.

RÁDIO PIRATA

aportar navios mercantes
invadir, pilhar, tomar o que é nosso
pirataria nas ondas do rádio
havia alguma coisa errada com o rei

preparar a nossa invasão
e fazer justiça com as próprias mãos
dinamitar um paiol de bobagens
e navegar o mar na tranquilidade

disputar em cada frequência
o espaço nosso nessa decadência
canções de guerra quem sabe canções de mar
canções de amor ao que vai vingar

toquem o meu coração
façam a revolução
está no ar
nas ondas do rádio
no underground
repouso repúdio
e deve despertar

(Revoluções Por Minuto)

1. O VEÍCULO DO SOM

"Silêncio pode corresponder dramaticamente ao ruído mais violento, ou ao negro mais profundo de um desenho com as cores mais brilhantes."

(Alberto Cavalcanti)

Desenvolvemos o som e o fazemos com cada parte do nosso corpo. Ele é o meio de comunicação mais imediato na sociedade humana. Um ruído, qualquer barulho é motivo de ação e reação das pessoas. O rádio vive graças a isso, ao som como meio transmissor de mensagens. É por isso que tudo deve ser muito bem pensado numa transmissão radiofônica porque o microfone é o cérebro que capta todos os impulsos nervosos da equipe de produção.

Nada pode sair no ar "à toa", porque pode mudar completamente o sentido da mensagem inicialmente planejada, além de quebrar o ritmo e tirar a atenção do ouvinte de algo que criou nele expectativas, e depois causa uma grande decepção. Por exemplo, você está escutando uma música e aguarda para ouvir de terminado solo de guitarra que é executado na parte final. Quando chega nesta parte o locutor entra falando e corta a música por ali mesmo. A vontade do ouvinte é mudar de emissora ou até desligar o aparelho. Quando o som não está sendo usado como vinheta e a proposta é, no caso, executar toda a música, o locutor, ou operador de som (acontece muito em FMs, que o locutor exerce as duas funções ao mesmo tempo) não tem o direito de fazer isso com o ouvinte.

O som é o motivo de existência do rádio e provoca as mais diferentes emoções de acordo com seu uso. Um mar de lágrimas inundava as casas dos ouvintes da década de 50 quando a rádio-novela tomava conta das noites das famílias. Isso acontecia através de toda uma parafernália sonora produzida por instrumentos improvisados, fabricados artesanalmente por hábeis e apaixonados sonoplastas. Mas emoções fortes podem acontecer simplesmente por causa do silêncio.

O rádio merece respeito como meio de comunicação e um veículo rápido, que através do som chega a todos os cantos do país. Assim, o som do rádio (e da rádio universitária) pode trazer a novidade de ser bem cuidado, para que o ouvinte tenha prazer em sintonizar a emissora pela qualidade sonora e pela programação que irá apresentar. Voltada em sua maioria para a informação, deverá apresentar uma variedade muito grande de formas para transmiti-la.

2. ORIENTAÇÃO EDITORIAL

" Qualquer que seja o regime político em vigor, a informação jamais se constitui em atividade totalmente livre. Mas a ação política exercida sobre os meios de comunicação de massa é de mais difícil de ser detectada do que aquela que é especificamente legal ou econômica, pois esta, na realidade, já é determinada ou condicionada pela visão política do assunto."

(Gisela S. Ortrivano)

O que se espera de uma rádio universitária? Que ela seja, no mínimo, aberta para todas as vozes e informações que, em linha gerais, desejam utilizar-se dela para transmitir alguma mensagem, priorizando os interesses populares e não os privados.

Mesmo sabendo que este manual é uma teoria que partirá para a prática e que assim não deveria ser, mas ao contrário, apresento uma proposta que contribua para que a rádio universitária da UFSC mude de alguma forma o padrão radiofônico empregado pelas empresas de comunicação, que visam somente a venda de seus espaços para os anunciantes e desprezam totalmente o jornalismo e a cultura do povo. O exemplo é dado pelas emissoras comerciais de Frequência Modulada (FM) que apenas cumprem obrigatoriamente a porcentagem de notícias imposta pelo DENTEL de 5% ao dia, e não levam em consideração o compromisso de informar o ouvinte com uma notícia mais completa que o coloque diante da diversidade de idéias que giram em torno de um assunto, e que tenham sido colhidas a esse respeito.

A rádio universitária contraria tudo o que está sendo feito em rádio comercial atualmente. Além de não ter o compromisso de vender o seu espaço para anunciantes, vai funcionar na frequência mais disputada pelo setor de publicidade, em FM e trará sua programação voltada em 95% para a informação, através das mais diversas formas de programas, produzidos pelo curso de Jornalismo ou pela equipe profissional da programação, que se pretende, muito variada e acima de tudo, experimental.

A rádio será ao mesmo tempo que um veículo de informação rápida e preciso, mas também um laboratório para os alunos do curso de Jornalismo, uma mão-de-obra pouco aproveitada e sem nenhuma prática nessa ou em outras áreas quando sai do curso.

Conscientes de que o profissionalismo vem de uma prática conjunta de experiência e técnica pessoal que atuará na rádio universitária terá um laboratório que será o mais profissional possível, porque é a única chance de enfrentar a batalha do mercado de trabalho (já que a rádio vai funcionar nele) antes de sair do curso. Mas vai aqui também a prioridade para a liberdade de criação que precisa ser mantida, senão corremos o risco de reproduzir as velhas fórmulas empregadas pelo rádio mais convencional.

Este manual é apenas uma base primária do que se fará na rádio, a "cara" que a rádio vai ter por dentro para poder produzir uma alternativa nova num mercado tão saturado de profissionais pouco críticos e informações comprometidas em não desafiar os anunciantes que pagam bem e garantem o funcionamento de uma emissora.

3. PRODUÇÃO

Quando um programa vai ao ar no rádio, a maior parte dos ouvintes sequer imagina o trabalho que os profissionais envolvidos tiveram para que fosse produzido.

De um modo geral um texto para rádio deve, ou pelo menos, deveria ter as características mais simples e que muitas vezes não são levadas em consideração: uma linguagem simples, falar somente o essencial e com a clareza da linguagem coloquial para que o ouvinte não tenha dúvidas sobre a informação, numa locução clara e precisa.

É essencial que o redator "ouça" seu próprio texto enquanto o escreve. Ele deve saber que o ouvinte, não tendo imagem, vai ter que compor na sua mente todo o fato, daí a necessidade de simplicidade e clareza do texto.

Para que a produção no rádio são necessárias pesquisas em arquivos, fontes sonoras ou impressas, da própria rádio ou não. Nada vai ao ar por acaso ou a troco de nada. Numa produção radiofônica o trabalho de colocar um programa no ar envolve desde profissionais da central técnica à equipe de reportagem, incluindo editores, coordenadores, chefes de reportagem, sonoplastas, programadores musicais, todos diretamente responsáveis pela perfeição da produção radiofônica.

3.1. PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO

Uma emissora de rádio que se preocupe prioritariamente com a informação tem que ter estrutura e versatilidade para a realização de grandes coberturas jornalísticas, tanto de fatos inesperados, como um incêndio ou uma enchente, quanto daquelas previsíveis, como uma eleição, um vestibular ou um jogo de futebol. Em qualquer dos casos a cobertura mobilizará um grande número de profissionais, e a organização é imprescindível para que se alcance algum resultado satisfatório.

Na cobertura de um evento previsível, a organização começa bem antes de sua realização, com um planejamento o mais detalhado possível da atuação de cada um dos profissionais. O planejamento parte de uma definição da amplitude do trabalho a ser realizado (definido o tempo a ser ocupado na programação, relacionando o pessoal a os recursos necessários para isso), e termina com um roteiro detalhado da cobertura em que esteja previsto exatamente a participação de cada um dos envolvidos. Num jogo de futebol, por exemplo, o narrador, o comentarista, os vários repórteres, o plantão de estúdio e a central técnica devem saber exatamente o que cada um fará no momento em que for marcado um gol na partida; o que cada um vai falar e em que ordem entra no ar.

O planejamento vai prever também por que meio cada um vai falar (microfone, linha telefônica, walkie-talkie), e quem coordenará a entrada de cada um no ar. Na cobertura de uma eleição, os repórteres devem saber exatamente que dados devem procurar e onde os encontrarão, além de receber material de pesquisa, ou in-

formações de apoio, para o caso de terem que improvisar diante do microfone.

Mesmo fora das grandes coberturas, no dia-a-dia, a coordenação é fundamental para uma rádio de informação, e se dá a partir do entrosamento entre pauteiros, chefes de reportagem, produtores e editores. Cada um desses profissionais, em seu horário de trabalho, deve ter claro o todo da programação da rádio, o que ela vem tratando nas últimas horas e o que deve ser prosseguido do trabalho que realiza.

Além da cobertura de fatos jornalísticos, essa coordenação deve levar em conta outros espaços básicos para a atuação de uma emissora de informação: Além do serviço (trânsito, consumo, etc.), a reportagem de iniciativa própria (por que esperar a visita de um ministro para averiguar a situação dos postos de saúde?), e o desvendamento de fatos obscuros para a média dos ouvintes, como por exemplo, um novo pacote do governo, cujo enunciado é geralmente pouco esclarecedor mas as consequências atingem a todos.

Na cobertura do dia-a-dia-, a coordenação do jornalismo deve estar atenta aos problemas de continuidade específicos do veículo rádio. Cada programa, ao tratar de um assunto, deve situar o ouvinte em relação ao que já foi tratado pela rádio em programas anteriores, partindo sempre do pressuposto que nenhum ouvinte fica ligado vinte e quatro horas no receptor. Também por esse motivo, um assunto de grande destaque tratado num programa não deve ser totalmente esquecido nas horas seguintes, embora deva-se evitar de todas as formas a simples repetição.

3.2- A REPORTAGEM RADIOFÔNICA

Os programas radiofônicos são algo totalmente diferentes de uma leitura passiva de artigos de jornal em frente ao microfone. A reportagem radiofônica pode ser definida como um programa destinado a fazer com que o ouvinte viva um determinado acontecimento. A boa reportagem deve passar a sensação de que se esteve no lugar dos fatos, e que os viveu de perto. Não falamos então de simples informes lidos por um locutor com uma voz monótona e escritos por um jornalista que nunca saiu de seu escritório.

1 - Preparação das reportagens

O jornalista que simplesmente vai cobrir uma informação, coloca seu microfone em qualquer lugar e volta a rádio com uma reportagem, não existe. A reportagem deve ser preparada com inteligência, conhecimentos sobre o tema em questão, e implica em levantar os mais diversos aspectos sobre o mesmo, gravar sons ambientes, etc.

Também o repórter tem que considerar questões de ordem prática: levar material útil, escolher lugar adequado (quando é possível), prever as possibilidades de realizar uma transmissão direta, obter credencial de imprensa ou licença.

2 - Duração da reportagem

É totalmente desnecessário que a duração da reportagem coincida com a do acontecimento correspondente. Da mesma forma que um filme de duas horas pode representar o transcurso de decênios apresentando episódios que reproduzem os momentos característicos de uma determinada época histórica, uma reportagem pode produzir em poucos minutos uma manifestação, uma comemoração ou qualquer outro fato que tenha tido uma duração real de várias horas. Como veremos de-

pois, para isso é necessário apenas gravar os momentos mais interessantes e ligá-los através de textos redigidos com vivacidade.

3 - Desenvolvimento da reportagem

1 - Vivacidade

A reportagem é uma informação de algo vivido. A vida deve apresentar-se a cada segundo.

2 - Concisão

Uma informação muito grande, é resultado da preguiça. É sempre mais fácil falar muito que ser conciso. Isso implica em condensar idéias, selecionar palavras que comovam o ouvinte, encontrar fórmulas surpreendentes. É o único método de ganhar tempo e também criar um ritmo. Mais adiante veremos como se pode informar brevemente sobre o fato que durou muito tempo.

O repórter deve dominar um estilo conciso, renunciar às informações gerais que talvez sejam interessantes para ele, mas não para os ouvintes. Não utilizar frases complicadas com finais abstratos que não impressionam senão o autor da reportagem, e sim formulações inteligentes que cativem o ouvinte.

Exemplo - numa reportagem sobre uma conferência internacional -

"Os ministros se reúnem numa conferência para examinar o conflito discutir as possibilidades de aplicação do acordo em cujo marco podem surgir soluções para a crise!"

Uma frase como essa é quase incompreensível. Além disso carece do elemento dramático que dá vida a reportagem. Não capta a atenção do ouvinte, mas sim a afasta.

Exemplo - "o Mercado Comum está ameaçado de morte? Para responder a esta pergunta estiveram reunidos ontem os ministros da economia dos países que a integram."

Esta frase concisa choca e inclui o elemento dramático que cap-

ta o interesse do ouvinte.

3 - Concreticidade

Para que o ouvinte possa reviver o acontecimento, o estilo deve ser ativo. Como pode se sentir transportado ao lugar dos acontecimentos se o repórter não usa a linguagem adequada? A testemunha de um grande incêndio, por exemplo, não pensa em finais abstratos. Está cercado de cenas coloridas, violentas e impressionantes. O estilo do repórter deve refletir estas visões, e sua reportagem deve ser gráfica, colorida e impressionante. Não empregará expressões vagas e abstratas; tem que dar as coisas seu verdadeiro nome: um automóvel não é somente um veículo, também é um Fiat ou um Volkswagen. Os mineiros não morreram em um acidente, senão que ficaram asfixiados, envenenados ou afogados.

Um mal exemplo - catástrofe aérea - "um membro da tripulação tinha na mão uma ferramenta, e a polícia não excluiu a possibilidade de que ele tenha tentado se defender de um passageiro acometido de um ataque de loucura, pois essa ferramenta não era necessária à bordo."

Um bom exemplo - "vi o corpo do piloto. Em sua mão fechada ainda mantinha um alicate. Por que esta ferramenta? Para fazer um conserto? Para defender-se? De quem? De um passageiro que enlouqueceu repentinamente? Isto é o que sustenta a comissão investigadora."

Esta frase deixa o ouvinte em suspense e nela estão as perguntas que o mesmo faria. Assim se estabelece um contato estreito entre o repórter e o ouvinte.

4 - Participação

O repórter que é testemunha de um acontecimento está ali para relatá-lo aos ouvintes tal como o faria a seus amigos. De um modo simples e direto. Por acaso na realidade todos os ouvintes não são seus amigos? Sim, são. Por que então tratá-los com frieza, impessoalidade como se se tratasse de um informe oficial? O repórter esteve no local dos fatos, e isto tem que refletir-se. Não se exige um comentário, mas

participação.

Um mau exemplo - "as pessoas estão ao redor chorando. A polícia proibiu terminantemente a entrada porque o barro já havia alcançado a altura de um metro."

Um bom exemplo - "vi as pessoas chorarem. Tentei chegar perto mas a polícia me barrou. Eu teria afundado até a barriga no barro."

4 - Reportagem direta (ao vivo)

Este tipo de reportagem exige poucas explicações, pois neste caso a função do repórter é descrever o que vê. Na medida de suas possibilidades terá a precaução de escolher um lugar desde o qual possa dominar toda a cena, protegido do vento e ao mesmo tempo manter-se longe das câmeras de filmagem, geradores de ruído. Também terá o cuidado de levar consigo anotações e informações para poder estar sempre em condições de proporcionar detalhes úteis, concretos e interessantes. Durante os momentos em que não acontece nada interessante para informar pode recorrer a estas anotações, pode ser para comparar o acontecimento presente com outro anterior do mesmo gênero, para recordar a história de um monumento, etc.

Se estão previstas algumas intervenções sucessivas, aproveita-se para apresentar entrevistas com os espectadores, testemunhas, participantes ou personalidades destacadas. Por outro lado, se está prevista uma só intervenção será conveniente realizar estas entrevistas antes do começo da reportagem, para não ter que se mover no meio da multidão durante a transmissão para entrevistar as testemunhas. Se os sons e ruídos ambientais são suficientemente perceptíveis e característicos do acontecimento (por exemplo música que corresponda a uma cerimônia determinada, etc.) não será necessário falar sem interrupção. Pelo contrário, procedendo assim dará ao ouvinte a oportunidade de que escute este clima sonoro, evitando afogá-lo.

Exemplo - Visita oficial

- Descrição da chegada do hóspede (avião, personalidades presentes, recepção, exército, espectadores, ambiente em geral, saudações, etc)
- Música militar (sem palavra)
- Descrição da revista da tropa ou apresentação das personalidades presentes. Se as coisas se prolongarem muito não precisa continuar com o elemento descritivo, e em troca pode fazer uma referência a carreira do visitante.
- As personalidades se dirigem aos carros. Considerações a cerca da visita, das conversações que terão lugar, resultados que se esperam das mesmas, etc.
- Entrevistas com as pessoas que integram a comitiva.

5 - Reportagem indireta

É o tipo de reportagem que permite ao próprio repórter editá-la. A reportagem indireta permite informar sobre um acontecimento cuja duração real tenha sido muito grande, no tempo em que se queira determinar. Para isso é suficiente ter os momentos característicos principais e uní-los através de um texto. Antes de sair para fazer uma reportagem desse tipo é conveniente fazer um plano. Sem dúvida nem sempre será possível porque nunca se sabe o que se vai encontrar no lugar. Neste caso a melhor solução consiste em gravar tudo o que considere de interesse no momento. Posteriormente se pode eliminar o desnecessário e fazer os cortes unindo as partes úteis. Não cometa o mesmo erro dos iniciantes, de gravar tudo. É melhor só gravar um som característico, típico, carregado de expressividade, dramático, do que gravar vários e insignificantes, incapazes de refletir algo da atmosfera do lugar. Não tenha medo de fazer cortes. A função dos sons é sugerir, testemunhar, e não ganhar tempo. Se não se trata de um acontecimento que justifique uma reportagem longa, não se vai calcular o som em minutos, mas em segundos. Um hino

nacional por exemplo, tem a duração real de vários minutos. Mas poderá ser ambientado perfeitamente ao ouvinte utilizando somente 10 ou 15 segundos. Faça cortes, elimine tudo o que considerar dispensável, tudo o que carece de expressividade e interesse evidente.

Exemplo - visita oficial

-Será gravado: hinos nacionais
a música militar
discursos e aplausos
entrevistas com o público

Não é necessário mostrar mais de 10 ou 15 segundos de cada hino. Serão mostradas as duas passagens diretamente uma depois da outra sem transição. Se os discursos são muito longos use somente as frases principais. A fita de SOM terá a seguinte ordem:

hinos - fita branca - música militar - fita branca - discurso I - fita branca - discurso II - fita branca - entrevistas.

Depois tudo isso será unido mediante um texto intermediário, que poderia incluir o seguinte: na edição considerações gerais a cerca da importância da visita, descrição do ambiente reinante na cerimônia de chegada do hóspede, dados sobre sua personalidade, etc.

Anunciar os hinos nacionais. HINOS

Apresentação das personalidades, do corpo diplomático, etc. Revisita de tropas. MÚSICA MILITAR.

Saudações de boas-vindas, declarações. Se os discursos foram cortados, oferecer um breve resumo do que foi eliminado, se tiver algo de importante. DISCURSO I

Proceder da mesma maneira com o DISCURSO II.

Observações sobre o encontro, a popularidade do visitante, e introdução das entrevistas feitas com o público. ENTREVISTAS.

Para finalizar um resumo.

Uma reportagem pode omitir elementos sonoros registrados no lugar do acontecimento, e ser realizada exclusivamente à base de entrevistas. Tudo-dependerá de como se pode compreender o tema e a ocasião.

Neste sentido, temos que ressaltar mais uma vez que a reportagem não é um fim em si mesma. Todo programa de rádio deve ser o mais vivo possível, e o motivo da reportagem é ilustrar o programa. Também não se deve considerar a reportagem como um programa em si. Quase sempre tem que integrar um contexto mais amplo.

Exemplo de reportagem realizada só com entrevistas - A segurança no trânsito

Será gravado:

- Entrevistas com um agente de trânsito (frequência dos acidentes, suas causas, penalidades).
- Entrevista com motoristas (formas de conduzir, conhecimento das leis de trânsito, perguntas sobre os cuidados com o automóvel).
- Entrevista com um representante de um órgão de segurança do trânsito (prevenção de acidentes, recomendações, conselhos).
- Entrevista com um representante oficial (estado e as medidas de prevenção de acidentes, melhoria da rede de comunicações).

Só falta reunir estes elementos com um texto intermediário que pode ser editado da seguinte maneira:

-Introdução, estatística de acidentes, de vítimas. Causa dos acidentes.

(Entrevista I)

-Crítica do comportamento dos motoristas, considerações sobre seu desconhecimento das leis de trânsito e do automóvel em si.

(Entrevista II)

--Exame das possíveis soluções.

(Entrevista III)

-Qual o papel do estado neste caso?

(Entrevista IV)

Tudo o que foi dito aqui sobre a reportagem é, sem dúvida, muito esquematizado. Evidentemente o trabalho do repórter de rádio, como qualquer outro, tem seus "truques", mas existem receitas mágicas para

ra fazer uma boa reportagem. Sem dúvida quem seguir estas sugestões, sem se ater às regras propostas, captará imediatamente o espírito com o qual se deve trabalhar.

3.3. ENTREVISTA

A entrevista é um valioso instrumento nas mãos do jornalista de rádio.

Ao ouvinte pode parecer muito fácil a realização de uma entrevista ainda mais quando escuta uma feita por um jornalista experientado. Duas pessoas conversam entre si. Uma pergunta, outra responde. Mas não se deixe enganar pela aparente naturalidade dessa entrevista. Não é um trabalho fácil. A descontração e segurança de um entrevistador experientado resultam de muitos anos de prática. Apesar das dificuldades que apresenta, é um trabalho que pode proporcionar muitas satisfações ao jornalista. Sua tarefa é fazer perguntas. Quando uma criança começa a falar, inicia todo um ciclo de perguntas.

Se as pessoas não fizessem perguntas a si mesmas, o mundo seria diferente do que conhecemos. Não existiria o progresso científico, e não haveria estações de rádio, nem jomais. O homem por sua própria natureza tem a necessidade e a capacidade de fazer perguntas. Para que uma pessoa chegue a ser um entrevistador hábil e inteligente, tem que desenvolver estas capacidades. Existe uma grande diferença entre a simples formulação de perguntas e a condução da entrevista precisa, clara, que informe e satisfaça o ouvinte.

Dividiremos a entrevista em três grupos principais:

1. Entrevista explicativa
2. Entrevista opinativa
3. Entrevista com personalidades.

1: Entrevista explicativa

Este tipo de entrevista consiste em pedir a alguém explicações sobre um tema no qual é especialista. Esta entrevista deve responder às perguntas: por que - quando - como - com que resultado - etc..

Suponhamos que numa cidade em questão será construída uma ponte. A entrevista explicativa incluirá perguntas como: aonde será construída a ponte? Que meios de comunicação poderão passar por ela? etc. Ao final da entrevista o ouvinte deverá ter um quadro claro de tudo quanto tem relação com a construção da ponte.

OBS: É bom alterar que em qualquer entrevista tudo deve ficar bem esclarecido não só para o ouvinte mas basicamente para o repórter. Isso implica em deixar de lado um grande medo acadêmico que ataca muito jornalistas: o de fazer as perguntas básicas em linguagem simples e principalmente esclarecer suas (do repórter) próprias dúvidas sobre o assunto em questão. Se no mínimo isso não ficar explicado para quem comanda a entrevista, sequer o ouvinte vai compreender alguma coisa.

A entrevista opinativa

Esta forma de entrevista atinge o plano da controvérsia. Trata-se de obter as mais diversas opiniões sobre o assunto. No exemplo da ponte é interessante que se conheça as diferentes opiniões sobre o valor da obra para a comunidade. O jornalista fará com que as opiniões fiquem conhecidas. Pode-se entrevistar um intendente ou um funcionário do estado.

Este tipo ~~de~~ ^{de} entrevista tem por objetivo recolher opiniões para fazer com que o ouvinte se confronte diante de duas ou mais opiniões que surjam a cerca de determinado ^{objeto} ~~ass-j~~ ~~et~~ ~~os~~. Também se pode ter o efeito contrário, e reforçar um certo ponto de vista, isto dependerá das opiniões sustentadas na entrevista.

3. Entrevista com personalidades

É a entrevista com uma personalidade conhecida. O jornalista sondará o entrevistado não com o propósito de reconhecer fatos ou dar a conhecer opiniões, mas levará ao ouvinte a voz da personalidade em questão. As declarações neste tipo de entrevista não se comparam em im-

potência às que correspondem as categorias anteriores. O principal neste caso é que o ouvinte tenha contato com a personalidade apresentada através da entrevista. Temos três tipos de entrevista radiofônica, mas sem dúvida, nenhuma se deve restringir de modo exclusivo a uma categoria.

Suponhamos que se faça um entrevista com o propósito de tornar conhecido o projeto de um político local. Ele expõe suas opiniões e ao mesmo tempo põe em evidência fatores de sua personalidade. De acordo com o que deseja obter, o entrevistador tem que concentrar-se em fatos, opiniões, ~~forma de~~ personalidade do entrevistado, mantendo-se sempre alerta para poder passar de um tipo de entrevista a outro. Se deseja obter unicamente fatos, a entrevista terminada frequentemente pode reduzir-se a uma lista de detalhes. Incluídas algumas opiniões, possa o ouvinte vislumbrar a personalidade do interlocutor e então a entrevista estará mais completa.

DURAÇÃO DA ENTREVISTA

Não existe uma regra estrita para determinar a duração de uma entrevista. Sem dúvida o jornalista deve tratar de obter no menor período de tempo possível a informação que deseja do entrevistado. O tempo no rádio sempre é escasso. Infalivelmente alguém estará esperando para transmitir outro programa. O tempo é valioso, fundamental aproveitá-lo bem. É melhor que o entrevistado conte sua vida em cinco minutos do que em vinte. Uma entrevista não consiste em fazer um maior número de perguntas possível, mas ao contrário, uma ou duas bem feitas que dêem margem à respostas completas. Uma boa entrevista pode ser utilizada com bons resultados num programa de informações e ^{ativas} ~~ativas~~ atividades

Suponhamos que o ~~xxxxx~~ prefeito eleito de Florianópolis tenha ido à Brasília pedir auxílio financeiro ao presidente da república para sua futura administração pública. O texto da notícia ficaria mais rico e faria mais efeito se pudesse conter um trecho da voz do prefeito e talvez (de acordo com as possibilidades) do presidente da república.

Iogo após esta breve intervenção o informativo pode prosseguir em

sua forma habitual.

OBJETIVO DA ENTREVISTA

1. Apresentar aos ouvintes um especialista em determinada matéria.
2. Conseguir dos entrevistados a melhor informação possível e que os ouvintes não podem obter de outro modo.

A entrevista não deve abordar fatos conhecidos. Tem que encarar novos aspectos e introduzir elementos novos. Suponhamos que num acidente de avião aconteceu poucos minutos antes dele aterrisar no aeroporto Hercílio Luz, o piloto tentou chamar a torre de controle mas o rádio não fez contato, e devido à neblina o avião chocou-se num morro próximo matando 100 dos seus 150 passageiros e também toda a tripulação. É inútil começar uma entrevista com uma testemunha ou um bombeiro perguntando tudo de novo. Isso já foi noticiado no informativo da rádio.

O jornalista deve ter estes fatos como passivos e daí fazer perguntas que acrescentem novos dados ao acontecimento. Por exemplo, quantas pessoas estão no hospital, seu estado de saúde, nomes, se alguém reside na cidade, etc. Há sempre a possibilidade de colher novo material. Satisfaça a necessidade de informação do ouvinte de modo que depois da entrevista tenha mais conhecimento que antes sobre a situação. Uma das qualidades mais importantes que o entrevistador deve possuir é a capacidade de estar permanentemente alerta, captar as palavras-chaves do entrevistado. Um novo giro na conversação pode conduzir a novos temas não previstos inicialmente.

- Concentre-se sempre nas respostas que recebe e tenha presente que a qualquer momento se produziu uma troca de rumo da entrevista. Esta atitude de abertura lhe permitirá adaptar-se rapidamente a nova situação.

Numa entrevista coletiva à imprensa onde o entrevistado está preparado para esponder às perguntas e já tem as respostas, pode assumir um caráter mais distante. Por outro lado, quando ~~a entrevista se trata~~ SE TRATA, POR

exemplo, de um acidente, o trabalho deve ser conduzido através de uma técnica diferente. Neste caso é necessário deixar falar as testemunhas para poder traçar um quadro da cena e dos acontecimentos. Se o entrevistado põe em evidência traços característicos, não os despreze. Deixe-os surgir. Por exemplo, se é um conversador entretido trate de tirar partido deste talento. A importância deste ponto não se pode destacar tanto como quisermos. Sua personagem principal tem uma história para contar, mas também tem sua personalidade. Tente torná-la objetiva, clara e não deixe que se perca em divagações. A forma que se expressa permite tirar conclusões sobre sua pessoa. Fazê-lo passar pelo estúdio à sal de casa.

TRATAMENTO COM O ENTREVISTADO

Sempre se deve respeitar a opinião do entrevistado mesmo que não se esteja de acordo com ela. É muito comum entrevistar pessoas com as quais se discorda das idéias. Nestes casos se deve ter em mente que o repórter é um intermediário entre o ouvinte e seu entrevistado cuja opinião interessa conhecer. Não é a sua opinião que conta neste caso. Portanto não deve manter-se imparcial e sua função é provocar respostas do entrevistado. Leve em conta também que mesmo que se trate de uma personalidade destacada, é um homem como você. Se se trata de alguém especializado em determinado assunto convença ele com a convicção de um repórter que está em seu território, e realize a entrevista. Aproxime-se como pessoa que está no mesmo nível, mas desprovido de toda arrogância. Mostre-se sempre natural, desenvolto e atencioso. Há oportunidades nas quais tem-se que entrevistar pessoas simples, sem instrução; talvez um pedreiro ou um coletor de lixo. Em nenhum caso o entrevistador adotará uma atitude de superioridade. Isto arruinaria a entrevista e daria uma má impressão entre os ouvintes. Para eles o repórter é um intermediário, uma pessoa que deve levar às suas casas um estranho. Para os ouvintes o repórter deve ser sempre, independentemente de quem quer que seja o entrevistado, a mesma pessoa espontânea e atenciosa.

ESTRUTURA DA ENTREVISTA

1. PREPARAÇÃO

A entrevista corre o risco de fracassar se não tiver sido preparada. Antes de realizá-la é necessário reunir toda a informação possível sobre o tema e o entrevistado. Reuna todo o material possível. Fale com o entrevistado: conheça-o, faça-lhe uma ou duas perguntas gerais mas não muito mais, pois a entrevista podia perder a espontaneidade.

Há um método eficaz para obter antecipadamente a informação sobre o tema ^{A SER TRATADO.} ~~o entrevistado. É que~~ que por uma razão ou outra não tenha podido ~~encontrar~~ ^{encontrar} ~~o~~ ^o ~~que~~ ^{que} deseja falar. É possível que de mesmo lhe dê sugestões, o que ~~lhe~~ ^{lhe} permitirá ao entrevistador preparar-se e formular as perguntas correspondentes. Esta preparação torna também possível que o entrevistado tenha sempre um microfone perto para que ele se acostume a isso. Evita, assim que o entrevistado se sinta intimidado e caís no mais profundo e desconfortante silêncio quando a entrevista começar.

2. INTRODUÇÃO

FUNÇÃO DO ENTREVISTADOR:

Em linhas gerais sua tarefa pode dividir-se em três partes:

- a) Perguntas diretas: Quantas pessoas participam do projeto?
- b) Constatações: Participaram 30 pessoas. Uma grande quantidade!
- c) Objeções: 30 pessoas para um projeto tão pequeno, um número tão grande de ~~participantes~~ ^{participantes} não parece estar de acordo com a importância dele.

a) PERGUNTAS DIRETAS

É a parte mais fácil e a mais comum. Sem dúvida tem-se que prestar atenção para que a entrevista não se converta numa série de respostas como SIM e NÃO. Respostas decididamente afirmativas ou negativas podem ser utilizadas com bom resultado e no final da entrevista, na parte que temos definido precisamente como "final".

Perguntas diretas podem e devem ser feitas não só para obter fatos, mas também para conseguir as opiniões sobre eles.

EXEMPLO: Em que região se encontra a escola?

OPINIÃO: Não acredita o senhor que nessa região existam escolas suficientes? Para que mais uma?

Recorra na maioria das vezes a este tipo de perguntas porque tem-se que ter presente que o ouvinte está sempre mais interessado no tema do que no repórter. Antes de tudo, deixe o entrevistador falar.

EXEMPLO: De onde vem o dinheiro e como vai ser distribuído?

Não se deve usar muito isso, porque uma coisa que confunde demais o entrevistado é uma pergunta em cima da outra. Se acontecer muito isso não poderão concentrar-se nas respostas.

CONSTATAÇÕES

As constatações são formuladas facilmente. Diga algo simples que possa pegar o interlocutor de imediato. Supõe-se que a constatação deve admitir outras possibilidades de interpretação. Uma constatação como a seguinte carece de sentido:

- "Nos sentimos muito comovidos de tê-lo entre nós".

O entrevistado não responderá outra coisa a não ser: "Obrigado" ou "O prazer é meu". A constatação deve incentivar o entrevistado a dar uma resposta. Pode ser uma manifestação anterior do próprio entrevistado ou de outra pessoa:

- "Você disse recentemente que todo o sistema educativo está envelhecido. Pode explicar isso melhor?"

Uma pergunta assim fará sem dúvida o entrevistado falar. A ele interessa fazer com que o ouvinte conheça seus pontos de vista e é provável que ofereça uma extensa resposta como réplica à sua constatação.

c) OBJEÇÕES

As objeções devem ser utilizadas com precaução. Leve em consideração o seguinte: sua tarefa é fazer o entrevistado falar e não contradizê-lo. É óbvio que uma objeção deste tipo não é recomendável: -"Senhor X, as conclusões a que chegou a comissão que preside não são outra coisa senão absurdos, provavelmente ninguém as levará em consideração".

Objeções objetivas podem ser empregadas freqüentemente com grande resultado, mas é conveniente que sejam utilizados unicamente por entrevistadores experimentados. Objeções e constatações são praticamente a mesma coisa com uma única diferença, que as primeiras contribuem para a dúvida. Seja qual for o método utilizado nenhum deve ser utilizado unicamente numa entrevista. Utilize todos os meios possíveis para fazer seu entrevistado falar mas não se afaste muito do tema. Atue com desenvoltura para que seu entrevistado faça o mesmo. Se não conseguir isso, carecerá do essencial elemento de atração.

3.4. COMENTÁRIO

Existem os mais diversos estilos de comentários e análises de rádio, isso é desenvolvido por cada um durante sua carreira. Mas o que se vê muito são comentários sem análise, ou quando tem análise, elas vêm soltas, sem nenhuma base que dê ao ouvinte uma noção de onde foi que o comentarista tirou sua conclusão.

Isso não deveria acontecer porque o ouvinte não pode ficar "boiando" no comentário, mas deve ter tudo bem esclarecido, portanto o comentarista ou analista deve "demonstrar" seu comentário ou análise e não simplesmente jogá-la ao ar sem que o ouvinte saiba do que se trata.

3.5. LINGUAGEM

É preciso ter claro que numa rádio a máquina de escrever e o microfone tem a mesma função. O que entra pela máquina de escrever sai para os ouvintes pelo microfone. Os locutores e repórteres devem falar a mesma linguagem, a linguagem falada, e não a escrita.

A questão de linguagem não é específica aos flashes dos repórteres, mas diz respeito a tudo quanto é falado pela rádio. E quando se trata de tudo o que é falado, a forma como é falado - a linguagem - não está desligada do conteúdo da fala.

As pessoas ouvem rádio da mesma maneira que ouvem uma conversa numa sala ao lado, com a porta aberta: Ouvem tudo o que é falado, mas estão com suas consciências voltadas para outra direção. Para outra atividade que pode ser desde cozinhar até dirigir um automóvel - ou até para outro pensamento. Elas só prestam atenção no que está sendo dito na sala ao lado - ou no rádio - quando for tocado em um assunto que lhes interessa, ou que lhes diz respeito. A primeira preocupação de uma emissora deve ser, portanto, a de dizer o que pode atrair o interesse do ouvinte que quer atingir.

Acontece às vezes que uma pessoa ouve a conversa da sala ao lado - ou ouve a rádio - esperando que seja dito algo. Se não for dito o que ela espera, depois de algum tempo ela sai da sala, ou fecha a porta, ou deliga o rádio, ou troca de emissora. A segunda preocupação de uma emissora deve ser, então, a de atender a expectativa de seu público alvo, e de não criar expectativas que não possa atender.

A terceira preocupação deve ser a de falar a linguagem que este público entende. E a linguagem que qualquer pessoa entende é aquela que ela fala. O rádio fala, não lê, não escreve. E deve falar a

linguagem universal de seu público, a linguagem que este público usa em casa e na rua. Ainda existe uma relação mágica entre os homens e a tecnologia. As pessoas se transformam na frente da máquina de escrever, ou do microfone, e passam a falar uma linguagem que não é a delas. Entre jornalistas esta transformação é agravada por uma série de vícios, conseqüentes de uma formação dirigida para a comunicação escrita. Somos capazes de contar uma notícia a um amigo, usando uma linguagem, e contar a mesma notícia ao nosso público, usando outra, totalmente diferente. E a linguagem que devemos perseguir é esta que usamos com um amigo, por ser mais rica, mais criativa e menos fria.

Todas as notícias de rádio devem ser abertas por um lead. O lead, em rádio, é uma frase, que resume a notícia. A melhor forma de encontrar o lead ideal para uma matéria é imaginar que alguém perguntou o que aconteceu, e respondeu com uma frase curta. A informação usada nesta frase pode até ser repetida, com critério e se houver necessidade no desdobramento da matéria.

É especialmente difícil para um repórter apurar, conseguir, anotar vinte dados e depois só utilizar dois. Mas é essencial ter o discernimento de cortar os dezoito que não acrescentam nenhuma informação importante à matéria. Os detalhes sem importância fazem com que o ouvinte perca o interesse no que está sendo dito.

Os nomes de pessoas normalmente fazem parte dessas informações inúteis, a não ser quando as pessoas são a notícia. Se um porta-voz do Itamaraty anuncia que o presidente Sarney vai à China, o presidente é notícia, o porta-voz não. Basta dizer que o Itamaraty anunciou. Sempre que uma informação é oficial de um órgão ou de uma entidade, quem deu foi o órgão ou a entidade, e não encarregado de divulgá-la. O nome só é citado em declarações de caráter pessoal.

Deve-se tratar as pessoas pelo seu nome de guerra. Chagas Freitas deve ser tratado assim mesmo, e não como "Chagas", "Freitas", ou "Antônio de Pádua Chagas Freitas". Quando não se sabe o nome de guerra, e uma pessoa tem cinco ou seis nomes, deve-se selecionar os dois ou três principais. "Luís Eulálio Bueno Vidigal Filho" fica bom como "Luís Eulálio Vidigal".

O cargo de uma pessoa é mais importante que o seu nome, e é a primeira informação, entre as duas, que deve aparecer na notícia. Não se deve usar o cargo e o nome de uma só vez: Usar o cargo na primeira vez em que citar a pessoa, e o nome na segunda, é um recurso para evitar repetição.

Também inúteis e normalmente utilizadas são as informações como nomes de pessoas e de obscuros lugares no estrangeiro, que mais poluem a informação do que informam. Neste caso, deve-se sempre que possível usar apenas o cargo da pessoa, e identificar o local por um ponto de referência próximo mais conhecido. O mesmo vale para as notícias de obscuros jornais de outros países. "Um jornal do Kuwait" é suficiente.

Nas notícias policiais é que costumamos usar o maior número de informações inúteis. Placa de carro, por exemplo, só é notícia quando o carro está sendo procurado, perseguido, ou em acidentes com vítimas não identificadas. Idade só é notícia quando traz um apelo humano, ou uma curiosidade. Estado civil também. Número de casa só deve ser usado quando é preciso identificar exatamente a casa, se não basta citar a rua, ou um ponto de referência mais claro, como ser perto de alguma coisa conhecida, ou até de uma esquina.

Também nas notícias policiais não se pode acusar as pessoas por crimes pelos quais não foram julgadas, mesmo que a polícia acuse. Todo mundo é inocente, até prova do contrário, determinada pela Justiça. Em vez de "traficantes", "assassinos", "ladrões", vamos tratar as pessoas como "suspeitos" ou "acusados". Também não é digna a qualificação de "vadios" ou de "marginais". Vamos identificar as pessoas pela sua profissão, ou até mesmo como "desempregado", se for o caso. Se não tivermos a profissão, a polícia pode prender "dois homens", ou "uma mulher", e não mais do que isso.

No caso da polícia acusar diretamente alguém, podemos divulgar a acusação, mas sem assumir a responsabilidade por ela. Isto vale para qualquer tipo de notícia de que não tivermos confirmação, até mesmo para as agências de notícias. É só botar que a agência disse, ou que uma tal pessoa disse, que assim vai, no máximo, desmentir uma informação de alguém, e não uma notícia nossa.

No rádio, as frases de ordem direta (sujeito, verbo, complemento) são geralmente as melhores, por serem as mais claras, e as mais usadas na linguagem falada. Em alguns casos, no entanto, como quando a CASAN diz que vai faltar água, só é notícia o complemento, e ele pode ser a abertura da frase, ou toda ela. O importante é achar a forma que facilite mais a compreensão do ouvinte.

As frases curtas facilitam a apresentação, tanto na improvisação quanto na leitura. Para evitar uma mensagem muito telegráfica, o ideal é alternar frases pequenas (uma linha, em texto), com frases médias (duas linhas), o que dá um bom ritmo. Não existe frase de mais de três linhas que não possa ser desdobrada em duas.

Em rádio não existe aposto ou oração explicativa, como não existe na linguagem falada. Não se pode explicar nada no meio de uma frase, deixa-se a explicação para a frase seguinte. O cérebro humano não consegue registrar uma informação pelo ouvido, pular para outra e retornar à inicial, sem parar de receber informações. Usar sempre uma frase e um ponto para cada idéia.

Além das frases simples e curtas, é preciso evitar palavras longas e complicadas. Ninguém lê na corrida "desincompatibilização" sem derrapar em alguma sílaba. Desdobrar sempre as palavras: "inflacionário" é "da inflação".

Traduzir sempre para o português coloquial as informações em "polítiquês", "economês" ou qualquer terminologia técnica. Evitar os estrangeirismos, as abreviações, é só usar siglas sem explicar o seu significado quando forem universalmente conhecidas.

Repetir palavras no texto deve ser evitado. mas é melhor repetir do que usar sinônimos estranhos à linguagem coloquial, pois a repetição é normal na linguagem falada, e não soa mal com uma boa pontuação. É melhor repetir dez vezes "avião" do que dizer "aeronave" ou "aparelho".

O que se deve repetir sempre é a identificação da pessoa de quem se está falando. "Ele" e "ela" só devem ser utilizados quando não criarem nem uma margem de dúvida sobre quem se trata.

Os possessivos "seu" e "sua" sempre tem sentido duplo, a não ser que se esteja referindo ao ouvinte. Nos outros casos, é melhor usar "dele" e "dela", com os mesmos cuidados de "ele" e "ela".

Sempre que possível, transformar em presente as notícias que estão no passado. Se alguém "disse" (no passado) é porque "acha" (no presente). Não abrir uma notícia dizendo que alguma coisa continua. O que continua é velho, deve-se abrir pelo que há de novo no que continua.

Quase sempre o futuro pode ser transformado em "presente histórico". Use "joga amanhã", não "jogará amanhã". Quando o futuro for necessário, usar a forma composta "vai jogar", "vai fazer". "Jogará" e "fará" não existem na linguagem coloquial.

Sempre localizar os fatos no tempo por sua proximidade com o ouvinte. Melhor do que "dia tal", "hora tal", "mês tal", é usar "amanhã" ou "há três meses", "daqui a duas semanas". Mas sempre optar pela forma mais simples: "amanhã às oito horas" é mais fácil de entender do que "daqui a 19 horas".

A melhor maneira de chegar à linguagem coloquial é lembrar como se fala no dia-a-dia. "Disse" é melhor que "declarou", "acha" é melhor que "considera", "também" é melhor que "ainda", "morreu" é melhor que "faleceu" ou "desapareceu". O singular é sempre melhor que o plural, quando há opção: "a chuva", em vez de "as chuvas".

Sempre que possível, personalizar a comunicação com o ouvinte. O "se você vai" estabelece uma ligação bem mais do que o "quem vai".

A menos que se esteja divulgando um resultado, qualquer tipo de lista deve ser evitado, como no caso de ruas interrompidas, preços e números. É preferível generalizar as informações, dando menos detalhes e até menos exatidão, para não confundir o ouvinte.

O horários vão até às onze, especificando de que turno. Treze horas não é coloquial. No caso de fuso horário, preferir sempre o horário brasileiro. Quando for necessário informar o fuso, dizer apenas o horário daqui e de lá, ou a correspondência entre os dois, sem ^{usar} a expressão formal "pelo horário de Brasília", ou de outro

lugar. Todas as moedas e medidas estrangeiras devem ser transformadas em cruzeiros ou medidas brasileiras. As tabelas de conversão podem ser afixadas no mural.

Todos os números, no rádio, devem ser arredondados para duas ou três casas decimais. Mais do que isso confunde, em vez de dar exatidão. É muito difícil assimilar números pela linguagem falada. No prêmio da loteria esportiva, se o ouvinte prestar atenção dos milhões aos centavos, quando terminarem os últimos não vai se lembrar dos primeiros. Diante de cento e vinte milhões, nem um milhão tem importância. Nos casos de números com fração, quando não for possível cortá-las, deixa-se no máximo uma casa depois da vírgula.

Evitar sempre os números ordinais. Os mais baixos, como segundo, terceiro, nono, são assimiláveis. Mas os altos, do quinquagésimo em diante, são insurportáveis ao ouvido. Desdobrar em "aniversário de cinquenta anos", por exemplo, soa melhor.

A nossa linguagem só vai melhorar com o tempo, tanto no texto quanto na improvisação. Essas sugestões de regras são só um ponto de partida. Só uma análise através do debate e da crítica constantes do que está indo ao ar é que vão nos fazer melhorar. Uma forma de iniciar este processo é utilizar o quadro mural para uma lista de palavras e expressões malditas, que pode ser completada a cada dia com aquelas como "a referida autoridade", "titular daquela pasta", e outras que se transformaram em vícios jornalísticos.

Esta lista deve ser iniciada pelas expressões mais desgastadas, e ser acrescida sempre de novos vícios de linguagem que se vão formando.

SUGESTÕES PARA AS FALAS DE REPÓRTER E ENTREVISTAS

Em princípio, não se põe no ar nada com um som ruim. Só é aberta exceção desta regra para o caso de uma gravação com extraordinário valor jornalístico, e neste caso este caráter deve ser enfati-

do, para que o ouvinte nos desculpe a qualidade do som.

O repórter e o locutor falam com o ouvinte, e não um com o outro. Os dois baterem papo entre si é esquecer porque estão falando, e uma imagem distorcida de coloquialismo. Coloquialismo se consegue falando com o ouvinte em linguagem coloquial, proximidade com o ouvinte se consegue tratando o ouvinte com intimidade, e não a outra pessoa. A relação que deve ser entre o repórter e o locutor é a relação entre duas pessoas que contam alguma coisa a uma terceira. Um acrescenta alguma à informação do outro, pede para o outro esclarecer alguma coisa para o ouvinte, sem precisar citá-lo, mas tornado clara a sua presença. Os dois trocam informações entre si.

Os flashes de repórteres que não incluem entrevistas não devem chegar a dois minutos de duração. Dois minutos já é muito: Uma única pessoa, falando de um único assunto, se este não tiver uma imtância excepcional, só cansa quem está ouvindo.

As entrevistas incluídas em flashes não devem ter mais de duas perguntas. Os entrevistados também se transformam na fronte de um microfone, e costumam falar muito para dizer pouco. É preferível o que o repórter complemente as informações dadas nas respostas, quanto o entrevistado termina de falar. Para isso, ele deve conversar com a fonte antes de entrar no ar, para conseguir todas as informações.

O melhor é usar um trecho da gravação como ilustração, e sair o resto das informações em texto (o próprio locutor chama a opinião do entrevistado). Em casos normais, só se deve usar mais de um trecho de gravação numa mesma nota quando mais de uma pessoa falar sobre o assunto. Nas cabeças de gravação, usar linguagem direta. Evitar as fórmulas "quem fala sobre isso" e "é o próprio fualno que diz".

No encerramento de sua intervenção, o repórter assina dizendo

de onde falou e seu nome. Não tem sentido dizer "para a Rádio Universitária", como se não fizesse parte dela. Isso só deve ser dito por correspondentes ou por pessoas que não pertencem à rádio.

Devemos, também, ser mais humildes. A citação do nome do repórter, a não ser quando tenha sido ele que provocou a reportagem, só se deve ser feita em sua assinatura final. Os entrevistados também não falam "ao repórter", e raramente falam "à rádio": Geralmente eles falam aos ouvintes. Só tem sentido dar este tipo de crédito numa entrevista exclusiva. E o fato de repórter fazer uma entrevista sozinho não caracteriza uma entrevista exclusiva, ela tem que ter um valor excepcional. Também não tem sentido citar o nome do repórter, em texto, quando a sua voz não aparece na gravação.

Nas entrevistas, deve-se fazer perguntas simples e diretas, sem exposição de motivos. Depois de entrevistado falar, o repórter terá tempo para as complementações que considerar necessárias. Ao final da entrevista, é bom repetir quem era o entrevistado, para quem pegou no meio saber do que se trata.

Rádio é som. Sempre que possível o repórter deve registrar o som ambiente do local onde se encontra, ou do acontecimento que está cobrindo. Também é bom lembrar que a rádio não tem imagem. A descrição do ambiente dá um aspecto mais real e mais humano à reportagem.

SUGESTÕES PARA A APRESENTAÇÃO DO TEXTO

Bom texto de rádio é o que permite ao locutor aparecer como quem está falando, e não lendo. Por isso, além de todas as recomendações de linguagem específicas para o texto, que tem por objetivo facilitar o trabalho dos locutores. O ideal, para isso, é tentar encarnar o locutor que vai ler a notícia, escrever para o seu tipo de entonação e seu estilo. Só assim ele vai ler exatamente o que pretendia quem escreveu.

Preencher os espaços do alto da lauda, o do redator, com o nome de quem escreveu e a fonte da notícia, e o da data, com ela, a acrescentado a hora, facilitam o trabalho do editor. Também é padrão escrever na máquina com espaço três.

Jamais rebater uma letra. Riscar toda a palavra e bater outra vez. Uma lauda com mais de três palavras riscadas começa a confundir demais o locutor. O melhor é escrever tudo outra vez. Quando for necessário acrescentar uma palavra na correção, escrever sempre com caneta, para chamar a atenção do locutor, em letras de im prensa e maiúsculas, e com uma chave indicando onde entram no tex to, acima do local onde devem entrar. Mais de duas palavras numa mesma chave é fazer o locutor se perder na linha. Um texto com ma is de duas chaves também já complica demais.

Uma nota deve ter, em média, seis linhas. Se não vale mais de duas, deve ter duas. Mas nenhuma nota deve ter uma única frase, pois passa muito rápido e não se capta a mensagem. Se a matéria vale vinte ou trinta linhas, só quem pode decidir é o editor, que tem noção do conjunto do noticiário.

A declaração transcrita não combina com o rádio. Só frases mui to fortes, como "prendo e errebento", devem ser deixadas entre as pas para serem interpretadas pelo locutor. Normalmente, o redator deve contar com as próprias palavras o que a pessoa disse, resumindo e simplificando a declaração.

Todos os nomes, palavras estrangeiras ou de pronúncia muito di fícil devem ser escritas em letras maiúsculas. Além de facilitar a leitura, é uma advertência ao locutor. Outro truque é dividir as palavras estrangeiras muito longas, com o cuidado de não provocar mudança na entonação. LIEB FRAU MILCH, por exemplo, é mais fácil de ler que liebfraumlch.

Deve-se evitar a separação de sílabas ao final da linha. E quando uma notícia continuar de uma lauda para outra, indicar isso com uma seta no final da primeira. Neste caso, não dividir um nome com uma parte em cada lauda e, sempre que possível, não dividir nem a frase.

Após cada ponto, o uso de duas barras verticais permite ao locutor visualizar à distância uma pausa para respirar.// Isso o ajuda a controlar a entonação. Para uma entonação diferente, sublinhar a palavra ou a frase. A pontuação, no texto de rádio, deve incluir reticências, dois pontos, travessão, e tudo o que facilite a entonação do locutor.

Distiguir sempre as siglas, tipo B.N.H., dos siglema e siglóides (vide Aurélio), tipo FUNAI e SEMA. Nas siglas, que tem cada letra pronunciada, indicar isso por pontos.

Os números devem ser escritos por extenso e sublinhados. Sublinhando-se cento e vinte mil o locutor sabe que o número não continua, e prepara a sua entonação. Nos anos, quando se usa todo o milhão, pode-se escrever por extenso a expressão "por cento", e em números com fração escrever também por extenso, sublinhado: "dez vírgula sete". Os números romanos desaparecem, escritos também por extenso.

3.6. ESPECIAIS*

Nos Especiais encontramos as três formas básicas do trabalho jornalístico: a notícia, a reportagem e o comentário. Sem dúvida os Especiais são mais vivos que a notícia, requerem uma investigação mais a fundo que a reportagem e oferecem mais informações que o comentário. Nesta forma radiofônica, fluem as três formas quase nunca em sua forma pura, e ao mesmo tempo incluem outros elementos jornalísticos da rádio: o radio-teatro e a música. Todas essas formas serão misturadas num todo pelo autor do Especial.

POSSIBILIDADES DE ESTRUTURAÇÃO

Os elementos básicos de um Especial são cinco:

1. O documento

Este pode ser o texto escrito de um contrato, um discurso, uma novela ou algo equivalente. Será apresentado por um único locutor previsto para isso (encarregado das entrevistas). O documento pode ser também de caráter sonoro - o que é muito mais adequado tratando-se de rádio -, por exemplo a passagem de um discurso ou de uma entrevista. Um documento deste tipo equivale à notícia. Reproduz-se os fatos de modo direto e textual, sem a menor falsificação, sem interpretação.

2. A reprodução de um documento histórico sonoro

Discursos, declarações, conversas que tiveram lugar quando não existia a possibilidade de gravar em disco ou fita e que nos foram deixados através da escrita, indubitavelmente não se pode utilizar num Especial como documento sonoro original. Mas se se deseja re-

produzir o texto correspondente, e não simplesmente na voz de um locutor que se encarrega de ler, tem- e que ressuscitar o original. Mas deve ser conservado totalmente fiel a si mesmo. Como?

No caso de um discurso por exemplo, o autor pode utilizar um ator, que com a expressão adequada grave o texto no estúdio para um público imaginário. Por meios técnicos se pode reproduzir a atmosfera de uma sala e eventualmente adicionar aplausos ao orador. Para o ouvinte a situação acústica será real. Algo semelhante pode ser feito com os outros tipos de documentos. Este elemento, pelo que se refere ao seu conteúdo, equivale, ao mesmo que no caso do documento real, à notícia. Do ponto de vista formal é numa cena que o Especial se parece com o rádio-teatro.

3. A CENA

No começo o rádio-teatro consistia na adaptação de uma peça de teatro para a linguagem de rádio. Hoje são peças escritas exclusivamente para este meio de comunicação. A cena, que no teatro tem que levar em conta além do diálogo as dimensões do palco (ângulo e profundidade), na rádio só deve levar em conta a dimensão acústica. O diálogo deve passar a sensação de que uma pessoa está andando dentro de uma casa, que fala com uma ou mais pessoas, que está tranquila ou inquieta. O autor de rádio-teatro leva em consideração essas necessidades. Um Especial pega emprestado do rádio-teatro a cena como elemento para poder apresentar de um modo, plástico, vivo e compreensível, seja um fato histórico, ou uma situação difícil ou algo semelhante, utilizando um diálogo escrito especialmente, quer dizer, inventado. A cena pode considerar-se como o

equivalente da notícia quando se trata de trechos históricos e da informação complementar quando tivesse sido criada especialmente. A cena pode ser introduzida como elemento estrutural para esclarecer opiniões contrárias. Aqui a sua função se aproxima do comentário.

4. A MÚSICA

A música não deve ser utilizada para preencher vazios. Terá uma função concreta e justificada, tanto lógica como acusticamente. Deve ser utilizada para destacar certas passagens ou para separar partes diferentes. O emprego de fragmentos maiores (nunca mais de 20 segundos) serve para separar capítulos ou como ilustração. A música pode também servir de informação num comentário e de alguma maneira pode ter o valor de um documento sonoro. Por exemplo: Informação sobre as eleições diretas para presidente da república no Brasil. Escuta-se uma passagem de música catarinense. Isto sugere a participação política de Santa Catarina no processo eleitoral. Nem sempre a música por si só exerce uma função informativa, mas unida ao texto adequado resulta em ilustrativa e o autor pode limitar ao mínimo suas anotações explicativas sobre política do estado.

5. DISTRIBUIÇÃO DE PAPÉIS

A distribuição de papéis é um dos fatores de maior importância no que diz respeito ao estilo do Especial. Dessa função depende o sucesso do que se pretende dizer ao ouvinte. Antes de prosseguir, uma observação: muitos jornalistas partem da suposição equivocada de que já escreveram um Especial, quando acabaram um texto grande que será lido por várias vozes que se alternarão por parágrafos. Uma solução deste tipo não dá lugar a que se fale de uma estrutura.

O que se deve fazer é dar a cada locutor previsto para um determinado papel ou função, um texto correspondente ao mesmo.

a) Por regra geral a condução do programa está a cargo do autor ou de um comentarista; para qualquer um que possa manifestar-se através da opinião, ou da realização de uma análise. Também o comentário dos documentos e informes que falem a favor ou contra o tema tratado. Isto equivale ao comentário. Se a opinião passa a um segundo plano ou só deve ser sugerida no transcurso do programa, o papel do comentarista pode ser o de um redator.

b) Tudo o que se relacionar com cifras, dados, fatos, informes, dados relacionados com datas e outras coisas desse tipo, serão apresentadas por um cronista, um informante ou um repórter.

O cronista terá a seu cargo a descrição estática de um fato, o informante a descrição do período de tempo e das vinculações entre as coisas. O repórter pode informar pessoalmente o fato vivido ou utilizar o que ele mesmo gravou no momento do acontecimento. Neste último caso se trata quase de um documento. Neste tipo intervenção seria o equivalente a uma reportagem.

c) A parte de documentação que não pode ser reproduzida a partir de um original ficará a cargo do locutor que faz as falas, que lerá o documento escrito ou participará em cenas criadas ou captadas da realidade (fará o papel de orador, ou participante de uma discussão, de uma dona-de-casa, do estudante, etc.). Esta parte é o equivalente - na maioria dos casos - da notícia.

O autor de um Especial deve escrever os textos destinados a três grupos de locutores, que terão que se organizar. O autor não deve por na boca do locutor que tem a função de cronista ou de informante, frases longas e referências complicadas, relacionadas com datas.

Tampouco deve escrever para essas vozes, textos que se intercalem frequentemente. Se não fosse assim o ouvinte não reconheceria nessas funções as pessoas que devem proporcionar informações e relacionar fatos. Por isso, num Especial bem escrito, se pode reconhecer pela construção das frases se estão destinadas ao comentarista ou ao autor, por uma parte, ou ao cronista ou informante por outra.

O autor de um Especial tem que mover-se sobre este espectro formado pela distribuição de papéis, elementos estilísticos e as formas periódicas básicas, o que não significa que em cada Especial tenha necessariamente que esgotar-se todas as possibilidades.

O Especial* é um tipo de expressão radiofônica com a qual se pretende representar por meios sonoros, de um modo gráfico facilmente compreensível e um tema complexo. Deve captar a atenção do ouvinte e proporcionar-lhe as informações necessárias sobre o tema, esclarecendo-lhe as relações existentes entre os diversos elementos. Com comentários adequados ajudará o ouvinte a formar uma opinião própria.

O Especial é uma exposição de caráter documental concebida com um critério que permite a utilização dos elementos dramáticos.

*Especial é a mesma coisa que Feature (Dicionário de Comunicação da CODECRI, página 200).

Nosso idioma possui extraordinárias qualidades expressivas: facilita ao homem a expressão de seus sentimentos, pensamentos, emoções e diversos estados psíquicos. A língua facilita a relação com os demais membros da comunidade linguística, para que a organização social e distribuição social do trabalho seja possível, e muitas outras coisas. Por isso diz-se que essencialmente a língua é o que nos faz homens.

O idioma que usamos para nos comunicarmos, está constituído por um conjunto de signos convencionais, articulados e verbais, utilizados por um número determinado de pessoas. Esse idioma tem regras para sua utilização adequada e também condicionamentos sociais e geográficos que regulam ou normalizam a forma de utilizar os códigos sonoros.

Devemos indicar também que a mensagem falada, além da função da comunicação, indica, quase sempre, sua idade, sexo, estado de saúde, sua origem geográfica, situação social, estado de ânimo nesse momento. A utilização consciente desta característica da mensagem falada parte deste capítulo sobre a locução radiofônica.

O LOCUTOR

A palavra locutor define "a pessoa que fala". O locutor de rádio é a pessoa que fala ao microfone, que dá vida, calor humano e as transmissões radiofônicas que ele põe a "alma" a todo este complexo mecanismo eletrônico que é o rádio.

O locutor de rádio para poder cumprir tão importante papel na comunicação, não somente deve falar mas saber como falar, deve saber ajustar-se aos padrões fonéticos e sociais do idioma, deve conhecer e utilizar a fala do público que quer alcançar, e educar sua voz para que seja suficientemente expressiva e cálida.

O orador romano Cicerón recomendava aos que se iniciavam na arte de falar que "devemos desejar uma voz bonita, e mesmo que não dependa de nós possuí-la, só de nós depende cultivá-la e fortificá-la."

O INSTRUMENTO VOCAL

O conhecimento do instrumento vocal, a higiene, os bons hábitos para preservá-lo e a pratica constante de exercícios com ele, tornarão possível uma boa impostação vocal.

Quais são os órgãos de nossa anatomia que intervém diretamente na pronúncia da palavra?

O ar contido nas cavidades pulmonares, ao ser expelido faz vibrar as cordas vocais na laringe, produzindo um som que se espalha pela faringe, à boca ao nariz, movendo o palato, língua, lábios e narinas, em uma melodia motriz responsável pelo aspecto fonético da palavra.

Pelas diferentes funções que realizam os órgãos que intervém na emissão da palavra, estão localizados anatomicamente da seguinte forma:

A - O aparato respiratório: onde se armazena e circula o ar. Intervém na respiração: nariz, laringe, traquéia, brônquios, pulmões, diafragma e músculos intercostais.

B - O aparelho fonador: onde o ar espirado se transforma em som ao passar pelas cordas vocais.

A laringe e as cordas vocais intervém diretamente na fonação.

A - Aparelho Respiratório

A respiração é a base da locução. A respiração consta de dois tempos: aspiração e expiração, durante a aspiração o ar penetra nos pulmões, convertendo-se assim na base material da voz; a expiração deve ser feita sempre pelo nariz e não pela boca, pois o ar frio ao chegar diretamente à laringe, faringe e traquéia, pode causar enfermidades como laringite, faringite, traqueite e bronquite.

O aparelho respiratório é composto pelo nariz, traquéia, pulmões, e o diafragma. Através destes órgãos, circula o ar no processo da respiração. O ar penetra pelo nariz, passa pela traquéia, espécie de tubo largo que divide em dois a entrada dos pulmões.

Os pulmões são massas esponjosas e com a propriedade de ser elásticas (flexíveis). Os pulmões estão na Caixa Torácica e constituem nossos receptores de ar.

O Diafragma

É um músculo transversal que separa os órgãos respiratórios dos digestivos. Tem forma de arco e cúpula. Este músculo intervém na respiração e exerce um papel muito importante a todo tipo de respiração que interessa aos profissionais que usam a voz (locutores, maestros, atores, etc).

O diafragma desce para a aspiração e sobe para a expiração. A pressão diafragmática e os músculos da cavidade torácica cumprem uma função similar a uma bomba na aspiração e expiração.

Como todo músculo pode ser fortalecido com exercícios; seu fortalecimento permitirá um melhor controle do ar que utilizamos ao falar e sua utilização máxima para a impositação da voz.

Tipos de Respiração

1- Respiração peitoral - consiste em aspirar o ar enchendo a parte superior da Caixa Torácica, o que produz uma elevação dos ombros e do peito e diminuição do abdômen.

Este tipo de respiração é utilizada em alguns esportes, tem o defeito de ser muito curta. O ar aspirado desta maneira não é suficiente para sustentar uma frase grande, e o efeito que produz é que, ao final de dizer a frase nossa voz perderá a altura; se estamos agrupados este tipo de respiração motiva o reflexo da tosse.

A respiração peitoral é adquirida, sobretudo a partir de condicionamentos sociais, a lei do menor esforço ao respirar, e muitas vezes também porque esta é a única forma de respiração que nos ensinaram no colégio nas aulas de educação física.

Os locutores e demais profissionais que utilizam a voz em seu tra

balho cotidiano, não devem praticar este tipo de respiração, porque não facilita a boa utilização da capacidade de armazenamento e controle de ar de nossos órgãos respiratórios.

Dentro das características atribuídas à respiração peitoral, podemos destacar dois tipos de inspiração muito comuns nas pessoas que nunca educaram sua voz:

1- Inspiração clavicular alta que motiva um movimento exagerado dos ombros, e

2- Inspiração costal média, onde o movimento se concentra nos músculos intercostais, no entanto não se experimenta o movimento dos ombros.

2 - Respiração Diafragmática: sua denominação mais exata é respiração das costas diafragmática abdominal, pelo uso que se faz dos músculos intercostais com as costas, o diafragma e a parede do abdomen.

Esta forma de respirar podemos observar nas crianças e nas pessoas maiores quando dormem, se reconhece porque ao respirar o ar, o abdomen se enche, infla. Por estas características se chama também respiração inferior para se opor à respiração peitoral ou superior.

Para praticar este tipo de respiração, devemos ter em conta que ao aspirar devemos fazê-lo dilatando o ventre e a parte inferior do tórax, isto acontece porque ao levar o ar aos pulmões, o diafragma : cede, troca a posição espalhando um pouco ao estômago e aos demais órgãos do abdomen.

Ao produzir-se a saída de ar (expiração) devemos utilizar conscientemente os músculos da parede do abdomen e os intercostais para dosar e controlar o ar no momento de falar ou cantar; dessa maneira o músculo do diafragma se verá facilitado para reter por mais tempo a maior quantidade de ar nos pulmões.

"Quando falamos ou cantamos o ar vai saindo, os pulmões vão se retraindo e esvaziando, as costêlas se retraem e voltam a posição de repouso, simultaneamente o diafragma deve ir subindo lentamente e du

rante este movimento não pode nem deve ser empurrado nem elevado, se não pelo empuxo muscular de seus antagônicos, quer dizer, os músculos da parede do abdomen.

Este é um mecanismo habitual e normal no homem se nos observarmos atentamente."

Esta forma de respirar, nos permitirá ler ou dizer grandes falas ou frases sem problemas de falta de ar.

Com a prática dos exercícios adiante chegaremos a fazer desta forma nosso modo habitual de respiração.

Exercícios respiratórios -

Os exercícios e práticas que devemos realizar para conseguir a respiração inferior (diafragmática abdominal de costas), buscam em primeiro lugar regular a pressão respiratória e automatizá-la para sua utilização correta enquanto falamos diante do microfone.

Estes exercícios devem efetuar-se todos os dias, cuidando para que a respiração seja profunda e silenciosa (como ao aspirar o perfume de uma chicara (de chá): Quando efetuamos a respiração nossos ombros devem mover-se e por último devemos estar conscientes do trabalho muscular durante todo o processo da respiração.

O Relaxamento

Antes de iniciar os exercícios respiratórios é necessário que nosso corpo esteja plenamente relaxado para isso podemos ajudar com os seguintes exercícios:

Exercício nº 1

Posição: de pé, com os músculos relaxados, braços caídos, pernas ligeiramente separadas.

Mover os ombros, descrevendo com else o maior círculo possível, de forma lenta, e imaginando uma suave massagem na zona do ombro (elevar o ombro para cima, para trás, para baixo, para frente). Praticar este exercício tres vezes com cada

ombro e tres vezes com os ombros juntos, ao mesmo tempo.

Exercício nº 2

Aspirar inchando a cavidade abdominal, lentamente, como quando gostamos do perfume das infusões de ervas.

Faça um breve intervalo (2 segundos).

- Espirrar o ar com força e violência (como se de repente um inseto tivesse picado nosso nariz enquanto desfrutamos do aroma da infusão).

- Exercícios de respiração

Considerar que na execução destes exercícios devemos:

-Cuidar que a respiração seja silenciosa e profunda.

-Cuidar para que o estômago não esteja cheio (esperar umas duas horas depois de ingerir alimentos).

-Controlar a dilatação do abdomen e da caixa torácica, mas sem elevar os ombros.

-Estar consciente do trabalho muscular durante a respiração e expiração.

Os exercícios de respiração constam de tres tempos:

1. ASPIRAÇÃO: pelo nariz profunda e silenciosa.

2. INTERVALO: instante em que as costelas estão separadas pelo enchimento dos pulmões, os músculos da parede abdominal dilatados, possibilitando que o diafragma se mantenha em sua nova posição e seus movimentos podem ser graduados a seu gosto pela ação dos músculos intercostais e abdominais (a sensação deve ser a mesma que se experimenta quando bocejamos).

3. Expiração: (lenta e controlada). Manter a sensação de bocejo, inclusive na posição do vel do paladar do palato mole. A aspiração devemos fazer aproximando os lábios como para assoviar e imaginando que a coluna de ar sai pelo meio lábio superior, donde começa o nariz.

Exercício nº 3

- Braços ao longo do corpo, relaxados.
- Aspiração lenta levantando os braços ao mesmo tempo que aspiramos somente até a altura dos ombros.
- Baixar lentamente os braços expirando o ar pela boca em forma circular, como para assoviar, e com o palato suave em posição de bocejo igual aos músculos abdominais e intercostais.

Exercício nº 4

- Braços ao longo do corpo.
- Levantar os braços até ficarem por cima da cabeça (aspiração).
- INTERVALO
- Expirar baixando os braços lentamente até sua posição inicial.

Exercício nº 5

- Braços ao longo do corpo.
- Aspirar levantando os braços até a altura dos ombros.
- Momento de suspensão. Girar as mãos, colocando as palmas para cima.
- Continuar aspirando e levantando os braços até que as mãos se toquem acima da cabeça, sem dobrar os cotovelos. Esticar os braços o mais alto possível (os pulmões devem estar cheios de ar quando as mãos chegarem acima da cabeça).
- Baixar os braços até a altura dos ombros, expirando.
- Momento de suspensão. Girar a palma das mãos para baixo.
- Continuar expirando e baixando os braços até posicioná-los ao longo do corpo.

Exercício nº 6

- Braços ao longo do corpo.
- Aspirar levando um braço para a frente e em forma de semi-círculo.
- Expirar baixando lentamente os braços na lateral (alternar os braços neste exercício).

Exercício nº 7

Exercício de controle da saída do ar

-Braços ao longo do corpo.

-Aspirar levantando os braços até a altura dos ombros.

-Momento em suspense. Colocar o dorso da mão direita a alguns centímetros da boca.

-Expirar, controlando o hálito com o dorso da mão (o ar deve sair como um fino fio de ar frio). A expiração deve durar não menos de trinta segundos.

-(Este último exercício se pratica também com uma vela acesa: a chama da mesma não deve se mover durante a expiração).

Exercício nº 8

-Aspirar e bloquear, logo dizer sss, como para pedir silêncio. Ter o cuidado de que os lábios estejam em posição.

-A duração mínima da expiração será de trinta segundos.

-Vigiar a calma e a regularidade da emissão. Para isso imagine que o som sss vai contra uma parede inquebrável, que são os incisivos (dentes) superiores.

Exercício nº 9

O primeiro e segundo passos são como os do exercício nº 2.

-Espirar como em zzz (trinta segundos, como o zumbido de uma abelha).

Exercício nº 10

-Aspirar, bloquear como em iii... (trinta segundos) deve ser murmurado sem voz.

Nota 1: estes exercícios e outros mais adiante deverão ser praticados diariamente e tres vezes cada um. Conserve a ordem em que estão tão dispostos para melhor aproveitamento.

B - Aparelho Fonador

Havíamos dito que é no aparelho fonador que o ar se transforma em som.

O aparelho da voz é formado pela laringe e por cordas vocais. A laringe está na parte superior da traquéia, e o interior desta, dando lugar ao que se denomina "pomo de Adão". Na laringe se encontram as cordas vocais, que estão ligeiramente fixadas à laringe ao largo de sua parede interna, na forma horizontal e de trás para frente. A abertura compreendida nas paredes livres das cordas vocais se denomina glotis. A glotis se abre para a aspiração e se fecha para a fala diante da aproximação e tensão das cordas vocais.

A laringe está protegida pela epiglótis, que é uma válvula que fecha a entrada da laringe no momento da deglutição, e fica aberta no ato de falar, cantar e respirar.

Quando falamos, as cordas vocais se juntam, a glotis se fecha, a pressão do ar empurrado desde os pulmões obriga as cordas vocais a vibrar, que por sua vez fazem vibrar a coluna de ar que vai saindo, produzindo assim o som que chamamos de voz.

Quando as pessoas emitem gritos, com frequência, ou quando por exemplo, no caso dos locutores, tem que utilizar o aparato vocal continuamente e não tem um controle adequado da saída de ar, a coluna de ar bate muito rudemente nas sensíveis cordas vocais, fazendo-as sofrer inflamações e infecções que algumas vezes levam a perder a voz.

O controle da coluna de ar se alcança praticando os exercícios anteriormente citados. A amplitude da voz não se consegue gritando mas utilizando o aparelho ressonador.

C - Aparelho Ressonador

O som produzido pelas cordas vocais, é um som primitivo, sem timbre e sem harmonia; a ressonância deste som em diferentes cavidades, lhe dará o que lhe falta: sonoridade, harmonia, suavidade.

de, doçura e energia. As cavidades de ressonância encontramos na faringe, a cavidade nasal, cavidade bucal e senos frontais, seno esfenoidal e senos maxilares.

Os mais importantes são os resonadores faciais: boca, cavidade nasal e sobretudo, os senos, que são cavidades ósseas localizadas atrás do rosto, entre a mandíbula superior e a frente. Esta região chamada "máscara", é a mais importante da ressonância bucal. Falar na máscara, fala para a frente, na ponta dos lábios, significa falar usando os resonadores do rosto, enviando a voz adiante.

Exercícios de emissão de som, utilizando os resonadores

Uma boa emissão de som se dá com a boca aberta e redonda, elevando o veio do paladar e colocando os músculos respiratórios em posição de bocejo. Quando reprimos um bocejo, os lábios se fecham, o fundo da garganta fica aberto, o veio do paladar se eleva, a boca se eleva ao máximo interiormente.

O som deve iniciar-se com toda a suavidade, sem nenhum tipo de violência. Na palavra o som deve começar no instante preciso em que se inicia nossa respiração. O som deve colocar-se no palato mole o vel do paladar; se sentimos que não está bem colocado o som pare o exercício e comece de novo.

Exercício nº 1

- Posição de pé, similar a dos exercícios respiratórios.
- Aparelho vocal em posição de bocejo.
- Aspirar, bloquear e emitir o som mmmm...
- O som chega de todas maneiras aos resonadores da cara.
- Se sentirá a vibração nos pomos e sobretudo no nariz.

Exercício nº 2

Na posição anterior e dando todos os passos até chegar a posição de emitir o som, agora em nnnn...

Exercício nº 3

Depois de haver repetido por tres vezes cada um dos exercícius anteriores, vocalizar a sílaba NO: noooo...

Exercício nº 4

Passa a continuação a praticar a vocalização de todas as vogais:

- Primeiro acompanhados da consoante M:maaaaa...,meeee...,etc
- Depois com a consoante N:naaaa...,neeee...,niiii..., etc.

Exercício nº 5

Posição, a já conhecida.

Pratique a leitura ou recitação em voz de falsete. Trate de alcançar os tons mais altos que possa.

4 - A Articulação

Os órgãos que exercem um papel importante na articulação se encontram na boca. São órgãos ativos: o lábio inferior e a língua (que se divide em: ponta, predorso e pós-dorso.

São órgãos passivos: o lábio superior, os dentes superiores, os alvéolos superiores, o pré-palato, o pós-palato e o vel do paladar.

Para exercitar os lábios e a língua, teremos que considerar em nossa série de exercícius diários, movimentos de lábios e língua na forma que nos ocorrer; por exemplo: assoviar, tirar e colocar a língua com a boca fechada, mover os lábios para trás e para frente, etc.

5 - A Entonação

Para dizer bem um texto é preciso:

- Respiração correta
- Altura adequada da voz
- Suficiente força e ressonância
- Pronúncia clara.

A clarezza na pronúncia depende da boa articulação e da compreensão do texto por parte de quem lê. A compreensão do significado

do texto facilitará a entonação respectiva de cada período e cada uma das palavras que o compõe.

A entonação compreende vários pontos que podemos ordenar por variação de tom, intensidade e velocidade.

a - Tons: a voz humana tem um registro estável em cada um de nós e vai do agudo ao grave. As crianças que não tem um tom de voz definido, tem o que se chama de "vozes brancas".

Intensidade: estas variações fazem referência a maior força ou debilidade com que se fala. Isto depende da amplitude das ondas sonoras expelidas. Os pontos de intensidade vão de muito forte ao muito fraco.

b - Velocidade: As variações de velocidade se referem a maior rapidez ou lentidão com que se fala. Os pontos de velocidade vão do muito lento ao muito rápido.

Todas as variações de tom, intensidade, velocidade são utilizadas no trabalho de rádio, sobretudo com muita inteligência para o rádio-teatro, mas mais importante que os exercícios de tom é a leitura fluida, natural e lógica do texto; por isso, vamos nos deter na unidade de entonação da oração.

Sentido unitário da entonação da oração.

A oração gramatical tem uma unidade de sentido que exige, para sua compreensão, uma unidade e sua entonação. Não podemos subir ou baixar o tom aleatoriamente.

A entonação da oração depende então, em primeiro lugar da unidade de sentido e significado e aqui encontramos o que as orações podem ser: afirmativas

.1- asseverativas ou enunciativas: é por meio delas que se afirma ou se nega algo.

.2- interrogativas: mediante elas se inquiri ou pergunta buscando uma resposta.

.3- exortativas ou imperativas: através delas se suplica, acom-

selha, ordena ou manda.

.4- exclamativas: através delas, fundamentalmente, se expressa estados de ânimo.

.5- dubitativas: através delas se expressa dúvida, incerteza.

.6- possibilidades: expressam possibilidades futuras ou passadas.

.7- decididas ou optativas: expressam desejo.

Cada uma dessas orações tem uma entonação diferente.

6 - Grupos

A divisão da oração em uma ou várias partes por causa de seu tamanho, os quais estão sujeitos a novas divisões significativas, sintáticas e mecânicas, nos permite analisar foneticamente uma oração e encontrar suas divisões variadas ao nível da fala. Nesta análise distinguimos um primeiro momento, em que as unidades de sentido se dividem em vários membros que exigem uma pausa mínima: são os grupos fonéticos. No trabalho no rádio, para melhor leitura, podemos indicá-los mediante uma linha diagonal (/).

Exemplo: Uma andorinha, não faz verão.

Uma andorinha, / não faz verão. //

7 - Grupos rítmicos

Os grupos fonéticos podem constar de vários grupos rítmicos, correspondentes a um grupo de significado único.

Estes grupos rítmicos não estão separados por pausas nem por inflexões, tampouco se caracterizam por manter, elevação ou diminuição da voz, sendo que estão compreendidos num impulso único de pronúncia e suas palavras são pronunciadas mais unidas entre si, em comparação da dos grupos rítmicos precedente e seguinte. Podemos marcar os grupos rítmicos com uma vírgula.

Exemplo: poderia supor que Júlia / amiúde tão risonha e paciente havia mudado bruscamente.

8 - Recomendação Para os Locutores

- 1- Ao falar, vigiar sempre a altura da voz(o timbre).
- 2- Ao falar não devemos ouvir os resonadores superiores, a voz deve ser colocada no palato mole e sair na altura do lábio superior.
- 3- Na intimidade convém falar com a voz mais aguda que de costume.
- 4- Não devemos duvidar que os lábios e a língua são fundamentais para a articulação, portanto temos que exercitá-los para que fiquem firmes e dóceis (suave).
- 5- Devemos articular cuidadosamente se queremos fazer-nos ouvir, nos daremos conta de que quanto melhor articularmos, de menos voz necessitamos.
- 6- Não gastemos nossa voz inutilmente.
- 7- É conveniente reservar os grandes efeitos de voz para as horas de força.
- 8- Cuidar com as correntes de ar.
- 9- Durante a emissão controlar o relaxamento e nível respiratório.
- 10- No caso de cansaço fazer uma pausa e colocar a boca em posição de bocejo, relaxar e continuar o trabalho.

3.8. ARQUIVO

Rádio é som, e para que se possa obter uma reprodução sonora com máximo de fidelidade e também acesso à todas as informações sônicas da emissora, é essencial a manutenção e cuidados constantes com o material e equipamentos e um arquivo bem organizado onde qualquer informação possa ser encontrada sem dificuldades.

Um arquivo bem organizado, e o cuidado que se deve ter no tratamento de discos e fitas é prioridade numa rádio. Isso significa grande parte da informação e recursos de programação da emissora.

Para o arquivo das fitas k-7, é importante fazer uma ficha impressa especialmente para isso, com o máximo possível de informações (especificações) para as fitas de programas produzidos e arquivados:

PEIC NOME DO PROGRAMA: nome do programa
número da fita
número do programa
data completa da produção
disciplina (se tiver)
sinopse e o máximo de referências

POR ASSUNTOS: Assunto (tema) e título
sinopse
número do programa
número da fita
nome de quem fez (ficha técnica)
data
disciplina

POR ENTREVISTADOS: nome dos entrevistados e funções
nome do programa
número do programa

cont. ficha técnica
 sinopse
 data da produção
 número da fita

Não esquecer ainda do sistema de gravação que foi utilizado (mono, stereo, laser). Algumas fitas trazem na própria embalagem uma ficha que ajuda no preenchimento de tais referências.

Com as fitas de rolo a forma de arquivo pode ser a mesma e os cuidados que se deve ter com ambas é dispô-las sempre na vertical, longe do calor e umidade e longe também de qualquer, desde os de alto-falantes à qualquer outro para evitar assim a desmagnetização da fita, ou seja, que com o tempo ocorra uma desgravação.

Quando rebentar a fita, cole com a cola apropriada para esta operação e não com durex ou tenaz, que prejudicam sua durabilidade.

As indicações para um arquivo fonográfico podem ser:

PELO NOME DO CANTOR OU DO GRUPO: número

nome do disco

músicas

ano de gravação e/ou remixagem

gravadora

PELO NOME DAS MÚSICAS: número

ordem alfabética do nome as músicas

nome do autor/disco/ano/gravadora

interpretações/disco/ano/gravadora

PELO NOME DO DISCO: número

ordem alfabética do nome do disco

músicas

autor-grupo/ano/gravadora

interpretações/ano gravadora

PELO ANO: (de gravação e/ou remixagem)

disco/gravadora

cont. autor (cantor ou grupo)
intérprete
músicas

OBS: também devem ser confeccionadas fichas especiais para este arquivo, e no caso de acrescentar mais alguma informação tenha o cuidado de fazê-lo antes disso.

São muitos os cuidados que se deve ter com o disco: ele é produzido com material muito sensível e, como se sabe, no Brasil sua qualidade não é das melhores se formos comparar com o material estrangeiro.

A começar por sua disposição na prateleira que deve ser vertical e o mais reto possível para não entortar, sugiro aqui outros cuidados indispensáveis para a boa qualidade sonora das reproduções no rádio.

Bem como as fitas, eles devem ficar em lugar seco e temperatura em torno de 20 graus Centígrados. Limpá-los sempre que for usar e com uma flanela macia. Quando estiverem aderindo muita poeira é bom usar o líquido anti-estático à venda nas lojas de discos e material sonoro em geral.

O cuidado no manuseio é o responsável por, pelo menos 70% da vida útil do disco. Quando for usá-lo pegue-o colocando um dedo no sêlo e outro na borda, e com a outra mão equilibre-o, assegurando que não vai cair. Não toque no vinil porque por mais limpas que estejam suas mãos, sempre deixarão resíduos gordurosos nos sulcos e o seu acúmulo vai prejudicar a reprodução fiel do som.

Quando o disco estiver sujo ou empoeirado é melhor lavá-lo, mas só com água corrente ou destilada na temperatura ambiente e esfregue um algodão em leves movimentos circulares (no sentido dos sulcos) e seque com uma toalha bem macia. Nunca use sabão, sabonete neutro ou qualquer outro detergente. Depois de secos eles depositam cristais nos sulcos que serão ouvidos como estalos na reprodução.

NA compra das agulhas dos toca-discos, verifique com o vendedor seu tempo de vida útil e nunca ultrapasse-o. Limpe-a sempre com o pincel adequado (no caso, o de pelo de carneiro) à venda nas lojas ou eletrotécnicas, assim a agulha terá uma vida com mais qualidade, garantindo a fidelidade na reprodução sonora.

CBS: tenha sempre algumas agulhas de reserva, porque numa rádio também acontecem imprevistos, e não seria nada agradável ter que interromper ou evitar a realização de uma programação porque quebrou a agulha do toca-discos.

Os cuidados com os compact-discs (do sistema laser) são quase os mesmos dos discos comuns, com a vantagem de que o compact-disc não quebra e não arranha, mas deve ser limpo de vez em quando com uma flanela e não precisa ser lavado. Além disso, o manuseio é o mesmo: sem tocar na superfície do disco.

Tanto para a limpeza de cabeçotes (tape-decks) ou discos, existem kits de limpeza especiais para vender, mas nunca limpe o cabeçote do tape-deck com água ou álcool e muito menos com a fita head-cleaner porque esta última lixa o cabeçote e com o tempo ocorre um desgaste maior do que pelo uso normal, obrigando uma troca antes do tempo necessário. Assim, o melhor é usar o spray próprio para limpeza de cabeçotes.

Todos os equipamentos eletrônicos e seus acessórios de uso e manutenção devem ser mantidos longe do sol, calor, poeira e umidade, garantido assim, maior durabilidade e fidelidade.

BIBLIOGRAFIA

- . FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação
- . ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio. Sumus editorial, SP. 1985.
- . COMPARATO, Doc. Roteiro. Ed. Nórdica, RJ. 1983.
- . RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. Ed. CODECRI, RJ. 1978.
- . CAVALCANTI, Alberto. Filme e realidade. Ed. Artenova/Embrafilme RJ. 1976.
- . Manual de Rádio em Extensão Rural - ACARESC
- . Centro de Formação da "Voz da Alemanha" - Manual da Rádio, Colônia - República Federal da Alemanha - 1981
- . SPERBER, George. Introdução à peça radiofônica. EPU, SP. 1980.
- . FIGUEROA, Nelson et alli. Técnicas de trabajo radial popular. Centro de produccion y documentacion radiofonica "El dia del pueblo", Lima, Peru. 1983.

3.7- LOCUÇÃO

O profissional do rádio-teatro sempre teve muita versatilidade para atender as necessidades das personagens, e toda essa versatilidade se localiza no uso da voz.

O rádio-ator fazia com a voz o que o ator de teatro faz com o corpo. O menor ruído indevido numa transmissão radiofônica pode colocar todo o trabalho daquele capítulo a perder, porque gera dúvida entre os ouvintes, quebra o e tira a atenção.

O som é o principal produto e fator de trabalho radiofônico. Para o rádio-ator a voz é o principal produto e motivo de trabalho, por isso, quanto mais versátil fosse a voz do rádio-ator, mais papéis poderia interpretar, necessitando sempre de um aperfeiçoamento vocal para obter maior precisão.

Há algum tempo os teatrólogos vem desenvolvendo técnicas e exercícios de estudo e aperfeiçoamento vocal para profissionais que dependem da voz, entre atores, locutores etc. A perfeição que se tenta obter com a voz é que vai representar fielmente a personagem e compor na mente do ouvinte a imagem e emoção do momento interpretado.

A conquista dessa precisão se dá com a prática de exercícios diários e constantes. Podem ser encontrados em muitos livros de exercícios teatrais, cursos de impostação de voz ou manuais de rádio de determinadas emissoras.

1 - A língua, o idioma e a comunicação

Toda comunicação supõe a utilização de signos, códigos e sinais, por exemplo, a linguagem falada é um meio de comunicação porque é um conjunto de signos capazes de transmitir idéias. Os signos de linguagem falada são basicamente sons que formam fonemas e estes constituem as palavras, que por sua vez dão vida às frases, orações, discursos, etc.